



A CONCEPÇÃO ESPAÇO-TEMPORAL NO MODERNO E PÓS-MODERNO

THE SPACE-TEMPORAL CONCEPTION IN THE MODERN AND POST-MODERN

LA CONCEPCIÓN ESPACIO-TEMPORAL EN LO MODERNO Y POSTMODERNO

 <https://doi.org/10.35701/rcgs.v24.846>

Ramon do Nascimento Rodrigues¹

Francisco Clébio Rodrigues Lopes²

Histórico do Artigo:

Recebido em 20 de agosto de 2022

Aceito em 29 de outubro de 2022

Publicado em 22 de dezembro de 2022

RESUMO

Este artigo analisa as categorias do tempo e do espaço no período moderno e no pós-moderno. A investigação utilizou a técnica de revisão de literatura. A primeira parte explana a questão do tempo e do espaço na Modernidade, sobretudo a partir da ascensão da sociedade burguesa e do capitalismo. A segunda apresenta a conjuntura sócio-histórica da crise estrutural capitalista de 1970 e das transformações societárias a partir dela, destacando as modificações na concepção do tempo e do espaço na chamada condição pós-moderna. A terceira seção deste artigo busca explicar a compressão do tempo e do espaço na contemporaneidade, evidenciando o debate da centralidade do espaço. Por fim, concluímos que o capitalismo provoca mudanças no interior do sistema de produção, transformando aspectos da sociedade. A lógica cultural acelerada do capitalismo tardio concebe o espaço e o tempo como voláteis, flexíveis, globalizados e virtuais. A velocidade do deslocamento no espaço cria a sensação de encurtamento do tempo, que ganhou novos desdobramentos no final do século XX e início do XXI.

Palavras-Chave: Tempo-espaço. Modernidade. Pós-modernidade.

ABSTRACT

This article analyzes the categories of time and space in the modern and postmodern period. The investigation used the literature review technique. The first part explains the question of time and space in Modernity, especially from the rise of bourgeois society and capitalism. The second part of this work presents the socio-historical conjuncture of the capitalist structural crisis of 1970 and the societal transformations from it, highlighting the changes in the conception of time and space in the so-called

¹ Mestrando do Mestrado Acadêmico em Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA).

Email: ramonrodrigues@sobral.ce.gov.br

 <https://orcid.org/0000-0003-0256-4312>

² Professor Adjunto do Curso de Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Doutor em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP). Email: clebio_lopes@uvanet.br

 <https://orcid.org/0000-0001-8173-0993>

postmodern condition. The third section of this article seeks to explain the compression of time and space in contemporary times, highlighting the debate on the centrality of space. Finally, we conclude that capitalism causes changes within the production system, transforming aspects of Society. The accelerated cultural logic of late capitalism conceives space and time as volatile, flexible, globalized and virtual. The speed of displacement in space creates the sensation of shortening time, which gained new developments at the end of the 20th century and the beginning of the 21st.

Keywords: Time-space. Modernity. Postmodernity.

RESUMEN

Este artículo analiza las categorías de tiempo y espacio en la época moderna y posmoderna. La investigación utilizó la técnica de revisión de literatura. La primera parte explica la cuestión del tiempo y el espacio en la Modernidad, especialmente a partir del surgimiento de la sociedad burguesa y el capitalismo. El segundo presenta la coyuntura socio-histórica de la crisis estructural capitalista de 1970 y las transformaciones sociales a partir de ella, destacando los cambios en la concepción del tiempo y el espacio en la llamada condición posmoderna. La tercera sección de este artículo busca explicar la compresión del tiempo y el espacio en la contemporaneidad, destacando el debate sobre la centralidad del espacio. Finalmente, concluimos que el capitalismo provoca cambios dentro del sistema productivo, transformando aspectos de la sociedad. La lógica cultural acelerada del capitalismo tardío concibe el espacio y el tiempo como volátiles, flexibles, globalizados y virtuales. La velocidad de desplazamiento en el espacio crea la sensación de acortamiento del tiempo, lo que cobró nuevos desarrollos a finales del siglo XX y principios del XXI.

Palabras Clave: Espacio de tiempo. Modernidad. Posmodernidad.

INTRODUÇÃO

A temporalidade e a espacialidade são categorias demasiadamente humanas. O tempo e o espaço sempre foram objetos de investigação. Os mitos gregos já se propunham a pensar essas categorias, sob o véu do fantasioso e do sobrenatural. A filosofia manteve o debate, aprofundando-o sob a luz da razão.

Mas, é na Modernidade que o espaço e o tempo irão ganhar aprofundamento categórico. Essas categorias serão parte fundamental das discussões sobre racionalidade e humanidade, incorporadas no nascimento da ciência e no movimento histórico de revoluções burguesas. O tempo e o espaço se tornam categorias centrais na sociedade capitalista, expressando a dominação de classe e a expansão do poder burguês. Cada narrativa moderna exalta a racionalidade dessas categorias, a compressão e o encurtamento do tempo e das distâncias no globo.

Na condição pós-moderna, oriunda das transformações materiais no modo de produção do capital a partir da crise estrutural de 1970, a acumulação flexível modifica a experiência espaço-temporal da humanidade. O imediato, espetacularizado e simultâneo se projeta como possibilidade de experimentar o mundo.

O avanço dos meios de transporte e de comunicação provoca o aumento do fluxo de produção, circulação e consumo de mercadorias pelo globo. A velocidade do ciclo de produção se

dissemina para todos os aspectos da sociedade de tal modo que surge o debate da aniquilação do espaço pelo tempo ou encurtamento do tempo preservando o espaço. A aparência e a superficialidade são consubstanciadas com as novas formas de capital descartável, flexível, transitório e imaterial.

Este artigo tem como objetivo principal analisar as categorias do tempo e do espaço no período moderno e no pós-moderno, elencando suas transformações na totalidade da sociedade. Assim, este trabalho contribui para elucidar, sistematizar e expor as diferentes concepções de tempo e espaço ao longo da história moderna. Uma pesquisa desta natureza é fundamental para pontuar os avanços e recuos, movimentos de transitoriedade, de rupturas e continuidades entre as perspectivas. Em suma, cumpre o papel didático de expor ideias complexas no horizonte político, histórico e filosófico.

Para as discussões teóricas e alcance dos objetivos, a investigação utilizou a técnica de revisão de literatura bibliográfica, definida por Gil (2008) como uma pesquisa desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído, principalmente, de livros, artigos científicos, teses e dissertações. O autor argumenta que as técnicas da pesquisa devem partir da realidade, aplicando uma série de procedimentos para conferir cientificidade ao objeto do conhecimento.

Os principais conceitos abordados neste artigo são: capitalismo, tempo; espaço; Modernidade e pós-moderno. A primeira parte explana a questão do tempo e do espaço na Modernidade, as transformações que essas duas categorias sofreram ao longo deste período, contextualizando-as aos eventos da história humana, sobretudo a partir da ascensão da sociedade burguesa e do capitalismo. A segunda apresenta a conjuntura sócio-histórica da crise estrutural capitalista e das transformações societárias a partir dela, destacando as modificações na concepção do tempo e do espaço na chamada condição pós-moderna. A terceira seção deste artigo busca explicar a compressão do tempo e do espaço na contemporaneidade, explanando as concepções espaciais definidas por Harvey (2013) – absoluto, relativo e relacional – e como, na visão do autor, as transformações do capital aniquilam o espaço por meio do tempo e, ainda, explanar a argumentação de Carlos (2007), uma contraposição, afirmando o inverso: é o tempo volátil e acelerado que é comprimido, visto que os espaços são inelimináveis. Por fim, na conclusão do artigo são retomadas as ideias centrais, reafirmando as hipóteses desenvolvidas ao longo do texto e os pontos de congruência entre os autores.

MODERNIDADE

A Modernidade, sob o ponto de vista histórico, é caracterizada como o período no qual ocorre uma série de transformações sociais, políticas, ideológicas, estéticas, morais e éticas. Tem sua gênese no renascimento europeu de meados do século XVI. Na Modernidade, constata-se uma clara

contraposição à ideologia predominante até então, formulada pelo pensamento religioso medieval. Essa concepção contraproducente tem sua maturidade no movimento das luzes do século XVIII e é fruto do caldo cultural revolucionário burguês, cuja expressão fulcral é a Revolução Francesa.

A Modernidade promove uma mudança de paradigma, o teocentrismo, que prioriza a forma de pensamento a partir de Deus, dá lugar à visão antropocêntrica de mundo. Simionato (2009) afirma que no período da Modernidade emerge um novo modelo explicativo do real no qual a razão humana ganha um *status* incomensurável, capaz de explicar todos os fenômenos.

Para Berman (2007), a Modernidade é dividida em três grandes períodos. O primeiro se estendeu do século XVI até o XVIII; o segundo, do final do século XVIII, com a Revolução Francesa, até o final do século XIX; e o terceiro iniciou no século do XX.

Do século XVI ao XVIII, explica o autor, tivemos movimentos históricos de nascimento de uma nova classe social e uma transição econômica para um novo modo de produção e reprodução das mercadorias e de relações sociais. É nesse período que as mercadorias são submetidas à lógica capitalista, tornando-se mediação para a valorização do capital.

A próxima fase da Modernidade é denominada por Berman (2007) de pós-Revolução Francesa. Constitui-se na expansão da essência do homem burguês para o mundo, ou seja, a essência do homem é a essência da classe dominante que organiza o modo de produção dos bens. A Revolução Industrial e a Revolução Francesa, ambas no século XIX, marcam esse período de grandes transformações no mundo da produção.

O terceiro momento diz respeito ao amadurecimento do capitalismo e da sociedade burguesa. Marca esse período a concentração e monopolização de capital, as crises sucessivas e a expansão do novo imperialismo burguês para todo o globo.

Para Harvey (2008), esse momento da história humana é marcado pela ideia de progresso permeada pela evolução da técnica, o progresso futurista. Nesse sentido, a Modernidade elegeu a máquina como seu mito representando o progresso tecnológico e da própria civilização humana. A máquina nos remete à ideia de que, no futuro próximo, a humanidade atingirá o seu grau máximo de desenvolvimento.

A máquina sugere que todas as coisas podem ser dominadas, quantificadas, mecanizadas, apropriadas pela razão. Esse pensamento, em geral, está presente na filosofia racionalista do Iluminismo que subsidia as revoluções burguesas. Em um texto de 1783-1784, denominado *Resposta à pergunta: o que é esclarecimento?* Kant expõe seu pensamento sobre o tema afirmando que o esclarecimento ou

Iluminismo é o mecanismo que o homem possui para sair de sua menoridade, de que ele próprio é culpado.

A partir do momento em que a humanidade ousa conhecer, sob os fundamentos imanentes da razão, inicia-se a maioridade, que diz respeito a uma concepção de autonomia existencial. O ser humano moderno acredita existir um sistema de leis racionais que regem o universo (ou a sociedade) apreensível pela nossa razão, que, em última instância, daria ao burguês o poder de conhecer o mundo e transformá-lo. A ascensão da burguesia na Modernidade consolida e molda a sociedade do capital e expressa tal racionalização.

O avanço da tecnologia, sobretudo a partir da Revolução Industrial, propiciou a rapidez do processo produtivo, da circulação e do consumo final das mercadorias. De acordo com Harvey (2008), a história do capitalismo é a aceleração do ritmo de vida em todos os aspectos sociais. O projeto moderno destaca o urbano como concepção de existência, visto que é nesse espaço no qual são consolidadas as relações entre capital e trabalho de uma forma mais imediata.

A Modernidade, portanto, cria uma nova concepção de espaço, diferente daquela do período feudal, na qual o espaço se limitava a algo interno e delimitado pelo feudo. O espaço físico, até então, era aquele no qual os homens tinham acesso, de forma imediata, àquele que fazia parte de seu cotidiano. O espaço externo era misterioso e, por vezes, atribuído ao sobrenatural, metafísico.

O sistema sociometabólico impulsiona uma concepção de espaço vinculado ao espírito da época: o espaço racional. Carlos (2011) elenca o espaço como condição para a produção da vida humana, como meio essencial de interação e como produto das relações sociais. Harvey (2008), por sua vez, especifica que a expansão territorial que remete às grandes navegações e subsidia o imperialismo se torna a força motriz a partir da Modernidade. Ele representa não apenas uma dominação de território, mas também a expansão do poder burguês. Esse poder racionaliza o espaço, pulverizando-o e reconstruindo-o de forma homogênea, sob a ótica da burguesia.

Nesse sentido, cabe resgatar o conceito de destruição criativa de Berman (2007). Para esse autor, o desenvolvimento da Modernidade é pautado sob a perspectiva de destruir o que existe para construir algo relativamente novo. Quando o arquiteto Georges Eugène Haussmann promove a reconstrução de Paris entre 1852 e 1870, por exemplo, está promovendo a demolição do antigo para construir os modernos *Boulevards* e obras públicas, evidencia essa característica com todas suas problemáticas. A Modernidade apenas se sustenta na criação constante desse novo pulsante em suas formas, mas decadente em suas bases.

O espaço racional é síntese de uma perspectiva etnocêntrica ocidental que expressa uma classe social. A finitude da expansão não é conhecida e ao mesmo tempo é seletiva. A burguesia forja no espaço processos de produção e reprodução da propriedade privada e das relações sociais de desigualdade. Cria, para tanto, o Estado moderno para sustentar essa noção de espaço racional, delimitado e expansível.

Quanto à noção de tempo na Modernidade, as concepções acompanham o movimento do espírito da época e o tempo se torna o dos homens, mediado pela razão, o vir a ser infinito que respeita os efeitos da causalidade. É a primeira vez na história da humanidade que se tem uma linearidade entre os elementos do passado, presente e futuro. Aquilo que ocorreu anteriormente influencia na construção do que existe atualmente e no leque de projeções sobre o futuro. O tempo racionalizado pode ser controlado e fragmentado.

Harvey (2008) destaca que a concepção de tempo criada na Modernidade se relaciona com o vir a ser infinito, analítico, científico e cronometrado. O tempo é uma sucessão de momentos na qual a noção de causalidade guia o seu desenrolar. Uma determinada ação tem uma causa e influencia nos momentos seguintes.

O tempo é uma teia causal na qual as relações sociais são tecidas e entrelaçadas. O corvo do poema de Edgar Allan Poe³ trata de lembrar o eu-lírico sobre a passagem do tempo e a finitude da vida, exclamando a frase “nunca mais!”, nunca mais o eu-lírico terá aquele momento de existência novamente e não há nada o que fazer diante dessa condição de humanidade.

Se no início da Modernidade a concepção temporal adquiria ares subjetivistas, em que o sujeito como ser consciente e determinante do mundo percebia o tempo pelas faculdades intelectivas inerente ao Ser, tal como em Kant, na maturidade dessa idade moderna o tempo se desloca para uma concepção mais pragmática.

As revoluções industriais do século XIX e XX projetaram o tempo da burguesia, cuja máquina determinava o ritmo do trabalho, das percepções e da vida humana. O controle do tempo também determinava uma relação de poder. O poder de dominação de uma classe social sobre outra.

O tempo do trabalho, ou o tempo para o trabalho, vai ser controlado e apropriado pela burguesia, assim como o seu produto final. A extração de mais-valia apenas é possível pelo dispêndio de trabalho humano, sob um determinado espaço físico e social controlado no decorrer de um tempo específico.

³ Referência ao poema de 1845, escrito pelo americano Edgar Allan Poe. No poema, o eu-lírico se encontra com um corvo falante e devaneia ao lamentar a morte da amada e buscar o sentido da existência.

O tempo moderno é essencialmente parte de uma equação na qual o valor das mercadorias é medido. O tempo social necessário para a produção de algo determina e quantifica o valor social dessa mercadoria. Tal como o coelho burguês de Lewis Carroll, na obra “Alice no País das Maravilhas”, o homem moderno é apressado, tiranizado pelo relógio e ávido para acumular, transformando o trabalho em fonte primordial de exploração.

O desenvolvimento das técnicas e dos transportes produz a sensação de encurtamento das distâncias e do tempo. Sob o pano de fundo do imperialismo, essa lógica se espalha por todo o globo. O tempo e o espaço racionalizados pelo capital parecem chegar ao seu auge, tanto nas formas de criação como de representação. O espaço racionalizado do Estado, das grandes cidades, do urbano, é engolido pelo tempo cada vez mais acelerado do capital.

Assim, Harvey (2008) se refere à “compressão do tempo-espaço”. Nas palavras do autor:

Pretendo indicar com essa expressão processos que revolucionam as qualidades objetivas do espaço e do tempo a ponto de nos forçarem a alterar, às vezes radicalmente, o modo como representamos o mundo para nós mesmos. Uso a palavra “compreensão” por haver fortes indícios de que a história do capitalismo tem se caracterizado pela aceleração do ritmo da vida, ao mesmo tempo em que venceu as barreiras espaciais em tal grau que por vezes o mundo parece encolher sobre nós (HARVEY, 2008, p. 219).

A Modernidade modifica as noções de tempo e espaço, produzindo a sensação de compressão. O avanço dos meios de comunicações e transportes produz uma rede interconectada. No pós-moderno, esse aspecto espaço-temporal é levado às últimas consequências.

Assim, Harvey (2013, p. 11) explica que, no capitalismo, “o criativo mais amplo” desaparece, o “racional” e organizado toma o seu lugar. O espaço, o tempo, o urbano e o cotidiano são colonizados, atingidos e metamorfoseados.

O PÓS-MODERNO

Para Harvey (2008), o pós-modernismo desembocou em uma vigorosa denúncia da razão abstrata e uma profunda aversão a todo projeto que buscasse a emancipação humana universal pela mobilização das forças da tecnologia, da ciência e da razão. Em Adorno e Horkheimer (1985), há ainda a suspeita que o projeto do Iluminismo estava fadado a se voltar contra si mesmo e transformar a busca da emancipação humana num sistema de opressão universal em nome da libertação.

O debate, portanto, gira em função da crítica à Modernidade e encontra raízes já nos vieses irracionaisistas do século XIX. Essa tradição irracionalista estava explicitamente associada às tendências políticas conservadoras e, em alguns casos, fascistas. Na atualidade, o lastro filosófico pós-moderno não

necessariamente possui essa ligação com tendências reacionárias, embora as tenha em seu interior heterogêneo.

O homem pós-moderno é definido por Lyotard (2009) como aquele dentro da sociedade pós-industrial, das telecomunicações, incrédulo das metanarrativas. Estas compõem explicações da realidade na qual se propõe a apreender todos os fenômenos e expressá-los dentro de um raciocínio lógico, universal e racional. Sendo assim, nas palavras de Lyotard:

O pós-moderno, enquanto condição da cultura nesta Era, caracteriza-se exatamente pela incredulidade perante o metadiscurso filosófico-metafísico, com suas pretensões atemporais e universalizantes. O cenário pós-moderno é essencialmente cibernético informático e informacional. Nele, expandem-se cada vez mais os estudos e as pesquisas sobre a linguagem, como objetivo de conhecer a mecânica da sua produção e de estabelecer compatibilidades entre linguagem e máquina informática. Incrementam-se também os estudos sobre a “inteligência artificial” e o esforço sistemático no sentido de conhecer a estrutura e o funcionamento do cérebro bem como o mecanismo da vida. Neste cenário, predominam os esforços (científicos, tecnológicos e políticos,) no sentido de informatizar a sociedade (LYOTARD, 2009. p- VII).

A ênfase de Lyotard (2009) na sociedade do pós-industrial é notória. De acordo com Marinho (2015), ele enfatiza que o saber é a principal mercadoria na sociedade atual e se vincula aos chamados *jogos de linguagem*. Neste ponto, o filósofo Wittgenstein influencia o autor na construção desse conceito.

Refletindo sobre a sustentação de uma *episteme*, um conhecimento, Lyotard (2009) entende que os jogos de linguagem são diversas categorias de enunciados que expressam as regras de um determinado jogo, na qual fundamentam a sua logística. O jogo ganha sentido à medida que seus integrantes incorporam e entendem seu funcionamento. O conhecimento é sustentado por determinadas regras lógicas criadas pela humanidade que desempenham a função de explicar a realidade.

A centralidade de jogos de linguagem movidos pelo interesse da sociedade da informação cria o conhecimento, o que, na visão do autor, caracteriza essa era. De certa maneira, percebemos em Lyotard a ênfase na capacidade metamórfica de transformação da linguagem, o que gera, conseqüentemente, abertura para a relativização do real. Os jogos de linguagem, por determinarem, segundo Lyotard, o que o real é, modificam-se a todo momento e de acordo com os agentes interlocutores.

Em suma, os jogos de enunciados lógicos que fundamentam determinado conhecimento são produzidos e interpretados por diversos sujeitos, de tal modo que possibilitam variações em sua logística, tudo determinado pelas circunstâncias momentâneas do real. Esse tipo de pensamento enfatiza a possibilidade de várias verdades, ou verdades falseadas, o que gera uma incongruência lógica.

Harvey (2008) alerta que o pós-modernismo parece mais ser um movimento de crise da Modernidade tentando criar uma nova época histórica sob o capitalismo. Harvey vincula o movimento pós-moderno como sendo um movimento da *acumulação flexível* do capital contemporâneo. Para ele:

[...] o pós-modernismo com sua ênfase na efemeridade da *jouissance* sua insistência na impenetrabilidade do outro, sua concentração antes no texto que na obra, sua inclinação pela desconstrução que beira o niilismo, sua preferência pela estética em vez da ética, leva as coisas longe demais. Ele as conduz para além do ponto em que acaba a política coerente enquanto a corrente que busca uma acomodação pacífica com o mercado o envereda firmemente pelo caminho de uma cultura empreendedimentista que é o marco do neoconservadorismo reacionário. A retórica pós-moderna é perigosa, já que evita o enfrentamento da realidade da economia política e das circunstâncias do poder global (HARVEY, 2008, p. 111-112).

Embora as concepções pós-modernas se mostrem heterogêneas, há um ponto de convergência entre os autores: todos os pós-modernos afirmam que há uma crise de paradigma da razão, na qual as metanarrativas não são mais capazes de explicar o mundo. Nesse sentido, as pequenas narrativas locais são enfatizadas ao passo que há a aceitação do efêmero, do descontínuo e do caótico como oposição ao modelo racional de realidade.

Para Jameson (1985), outro autor que também discute essa temática, o movimento pós-moderno se inicia na estética (sem, contudo, desconsiderar seus precursores no campo da filosofia), tendo fortes expressões nas artes plásticas, na arquitetura, na fotografia, na literatura, no cinema e na música, por volta dos anos de 1970. Jameson (1985) estabelece uma divisão na terminologia entre pós-modernidade e pós-modernismo.

O pós-modernismo, para Jameson, refere-se a um movimento cultural específico da arte, estética, típico dos anos de 1970, e a pós-modernidade é algo como o momento histórico produzido pelas transformações no mundo material, mais tarde o autor desenvolveria o conceito de *lógica cultural do capitalismo tardio* ou *contemporâneo*. Para o autor, dois aspectos caracterizam o pós-modernismo: o *pastiche* e a *esquizofrenia*.

O *pastiche*, explica Jameson (1985), é a morte do sujeito como ser criativo, nesses termos o fundamento do pós-moderno agora passa a ser a nostalgia e os aspectos caricaturados. Um exemplo que esclarece o *pastiche* se reporta à política, para o movimento pós-moderno parece não haver mais a crença que agindo politicamente no mundo, a humanidade seria capaz de transformá-lo.

A política fica, assim, reduzida a meras ações locais, por vezes embutidas pela corrupção de seus membros. Nesse sentido, a política que seria a valorização da vida em sociedade é esquecida e substituída, ora pelo individualismo exacerbado, ora por formas de atuação vazia de sentido, e cada indivíduo agora é responsável por sua trajetória existencial.

As experiências agora passam sob o crivo da caricatura, da política do faz de conta, que alimenta, por demasiadas vezes, o ódio de classe, raça e gênero. O *pastiche*, portanto, caracteriza-se pela ressignificação vazia de um símbolo do passado, caricaturado, inerte e, por vezes, cômico em sua própria tragédia.

Podemos relacionar o *pastiche* também à concepção do espaço pós-moderno, visto que, na negação do projeto urbanístico moderno, as práticas remetem, por vezes, a elementos difusos, locais e sobrepostos. Nessa perspectiva, não é mais a destruição criativa que rege o processo de criação do novo, mas a colagem e a sobreposição que ressignifica o antigo. As concepções de totalidade perdem importância frente a essa práxis imediata.

Harvey (2008) exemplifica o marco da decadência das concepções urbanas modernas com a demolição, em 1972, do conjunto habitacional *Pruitt-Igoe*, na cidade de St. Louis, Missouri, nos Estados Unidos. A destruição de um grande projeto arquitetônico que houvera sido planejado nos moldes da racionalidade e do desenvolvimento urbano da década de 1950 é simbólica, pois demonstra o fracasso de uma política habitacional pautada na segregação espacial e na expulsão dos mais pobres para as periferias das grandes cidades. A resposta às sequelas da questão social capitalista a partir da crise estrutural foi o deslocamento de foco para as experiências urbanísticas locais.

Já segunda característica do pós-moderno apontada por Jameson é a esquizofrenia. Essa característica está diretamente relacionada à concepção temporal. Diz respeito à incapacidade de conseguir ter a experiência temporal de se perceber fruto do passado e de planejar o futuro. Pela esquizofrenia, os pós-modernos estão presos no momento do tempo vivido e o presente existencial se apresenta como única instância válida na realidade, fetichizada por excelência. Condenados a viver num presente perpétuo, Jameson (1985) alerta que não há nenhum futuro no horizonte pós-moderno, pois a esquizofrenia seria capaz de retirar a identidade pessoal e estabelecer uma relação de descontinuidade temporal, irracional por excelência.

Na perspectiva discutida, Jameson (1985) afirma que o pós-modernismo é a *lógica do capitalismo tardio*, pois propõe o mito das sociedades pós-industriais, o aprofundamento da obsolescência programada para suprir mercados de consumo e não traça nenhuma oposição ao capital multinacional, ao contrário, enfatiza a sociedade do consumo e das mídias.

A compressão do espaço-tempo, característica tão enfatizada pela condição pós-moderna, já estava presente no início da Modernidade com os processos de avanço tecnológico, sobretudo dos meios de deslocamento no espaço. Seguramente, a velocidade do deslocamento no espaço cria a

sensação de encurtamento do tempo, que ganhou novos desdobramentos no final do século XX e início do XXI.

Em verdade, na ânsia de ruptura, o pós-moderno desconsidera os movimentos de continuidade com a própria Modernidade. Desse modo, comunga da perspectiva de decadência da razão, irracionalismo, para negar as concepções forjadas no seio da sociedade moderna.

A perspectiva pós-moderna ainda parece desconsiderar os avanços da economia política, negando as categorias centrais de explicação do real, silenciando, em alguns casos, sobre a exploração do modo de produção capitalista. As lutas que emergem com o movimento se tornam locais com uma perspectiva de libertação das minorias.

Seja como for, do ponto de vista da crítica da economia política defendido por Tonet (2005), mesmo com todas as tentativas, a pós-modernidade não é uma ruptura com a Modernidade. A pós-modernidade não é, senão, um desdobramento do movimento do capital contemporâneo que elucida suas contradições jogando água no moinho do conservadorismo burguês.

Sobre as mudanças do tempo e do espaço no contemporâneo, Harvey (2008) pontua o papel fundamental das mudanças do circuito do capital. O capital modifica seus ciclos de produção, cada vez mais globalizado e localizado, impondo as determinações da flexibilização do trabalho e o aumento da exploração da mais-valia. Já o tempo linear, sofre as alterações que o projetam como descontínuo e não necessariamente causal desvinculado de uma perspectiva de futuro e preso no momento vivido imediato. De acordo com Harvey (2008):

A aceleração do tempo de giro na produção envolve acelerações paralelas na troca e no consumo. Sistemas aperfeiçoados de comunicação e de fluxo de informações, associados com racionalizações nas técnicas de distribuição (empacotamento, controle de estoques, contenerização, retorno do mercado etc.), possibilitaram a circulação de mercadorias no mercado a uma velocidade maior. Os bancos eletrônicos e o dinheiro de plástico foram algumas das inovações que aumentaram a rapidez do fluxo de dinheiro inverso. Serviços e mercados financeiros (auxiliados pelo comércio computadorizado) também foram acelerados, de modo a fazer, como diz o ditado, "vinte e quatro horas ser um tempo bem longo" nos mercados globais de ações. [...] Para resumir, a nova rodada da compressão do tempo-espaço está pontuada de tantos perigos quantas são as possibilidades oferecidas por ela para a sobrevivência de lugares particulares ou para uma solução do problema da superacumulação. A geografia da desvalorização por meio da desindustrialização, do aumento do desemprego local, da redução fiscal, do cancelamento de ativos locais ou coisa parecida é de fato um quadro lamentável (HARVEY, 2008, p. 258 - 267).

As transformações que emergem nos últimos anos no âmbito do tempo e do espaço e da cultura em geral se relacionam, portanto, com a reorganização política e econômica do trabalho no capitalismo, aprofundando o que já estava em curso no início da Modernidade.

O final do século XX e início do XXI trazem ao debate o elemento da *Internet*. O mundo conectado e globalizado utiliza a *Internet* como plataforma de virtualização da vida e das relações sociais.

Na contemporaneidade, a linguagem das redes sociais impera na subjetividade, confundindo sentimentos, valores e, até mesmo, a própria realidade, isso faz os pós-modernos argumentarem que entramos em um simulacro da vida real, em uma tentativa de explicar esses fenômenos. Mas, tomar o real como simulacro é apreender o fenômeno e permanecer dando voltas em círculos para explicar a realidade.

O fenômeno da rede possibilita a sobreposição de infinitos espaços ao mesmo tempo, provocando a quebra das barreiras. Harvey (2008) chama esse fenômeno de aniquilação do espaço pelo tempo. Já para Carlos (2007), a tendência é de eliminação do tempo, que se torna cada vez mais fugido e acelerado, e não do espaço que, na realidade, ainda necessita existir.

O ESPAÇO E O TEMPO NO CONTEMPORÂNEO

O espaço e o tempo, como categorias construídas pela humanidade, transformaram-se ao longo da história. Em verdade, cada época molda suas concepções e visões filosóficas e políticas sobre a realidade. Por vezes, essas concepções nascem no seio de uma classe social ou de uma determinada oligarquia política ou intelectual e se disseminam para toda a sociedade, mas o processo inverso também ocorre, as ideias sobre as categorias e elementos reais podem surgir de concepções cotidianas que se disseminam rapidamente.

Especificamente sobre a categoria espaço, Harvey (2013), dialogando com Raymond Williams, pontua que ela seria uma “palavra-chave”, dotada de inúmeras complexidades, significado e conceituações. De acordo com o autor:

A palavra “espaço” suscita, frequentemente, modificações. Complicações às vezes surgem dessas modificações (muito frequentemente omitidas na fala ou na escrita), mais do que de uma complexidade inerente à própria noção de espaço. Quando, por exemplo, referimo-nos ao espaço “material”, “metafórico”, “liminar”, “pessoal”, “social” ou “psíquico” (usando somente alguns exemplos), indicamos uma variedade de contextos que, assim, contribuem para construir o significado de espaço contingente segundo esses contextos. De forma similar, quando construímos expressões como espaços do medo, do jogo, da cosmologia, dos sonhos, da raiva, da física das partículas, do capital, da tensão geopolítica, de esperança, da memória ou da interação ecológica (mais uma vez, somente para indicar alguns dos desdobramentos aparentemente infinitos do termo), os domínios de aplicação são tão particulares que tornam impossível qualquer definição genérica de espaço (HARVEY, 2013. p. 8).

O espaço e as suas formas de representação, portanto, modificam-se, considerando os modelos de produção da vida social. Isso implica que, a partir da Modernidade, essa categoria foi formulada sob os processos inerentes ao capitalismo. Harvey (2013) trabalha com três concepções diferentes de espaço e que se interrelacionam, o espaço absoluto, relativo e relacional.

Conforme explica o autor (HARVEY, 2013, p. 10), o espaço absoluto é uma instância material e imaterial na qual está disposto todas as coisas, é: “fixo e nós registramos ou planejamos eventos dentro da moldura que o constitui. [...] socialmente, é o espaço da propriedade privada e de outras entidades territoriais delimitadas (como Estados, unidades administrativas, planos urbanos e grades urbanas) (HARVEY, 2013, p. 10).

Já o espaço relativo, é referente às relações estabelecidas entre os objetos da realidade. De acordo com Harvey:

A noção de espaço relativo é associada principalmente ao nome de Einstein e às geometrias não-euclidianas que começaram a ser mais sistematicamente construídas no século XIX. de que há múltiplas geometrias que podemos escolher e de que o quadro espacial depende estritamente daquilo que está sendo relativizado e por quem (HARVEY, 2013. p. 11).

Desse modo, o espaço é relativo à medida que considera o ponto de análise do sujeito do conhecimento. Assim, o tempo é o elemento primordial que se soma a essa equação na medida em que o sujeito se move. A noção de espaço é compreendida pela interação necessária com o tempo⁴. Desse modo, juntos eles correspondem à quatro dimensões. Nessa concepção, a velocidade de deslocamento no espaço altera a percepção dessas duas categorias. Quanto mais rápido for o movimento do objeto, mais devagar o tempo passa para ele em relação àquele que ficou parado.

Tomemos como exemplo um exercício de abstração que cruza o Nordeste brasileiro. Um determinado ônibus parte da cidade de Fortaleza, Ceará, em direção à Juazeiro do Norte, interior do estado. A distância total é de, aproximadamente, 493 km. A velocidade média de deslocamento de um ponto a outro é de 60 km/h. Nesse sentido, o transporte levará um pouco mais que 8 horas para realizar o trajeto. Perceba que na demonstração de velocidade o espaço sempre é relacionado com o tempo.

Se esse mesmo ônibus possuísse a capacidade de viajar na velocidade da luz, 299.792,458 km/s, a noção de tempo de deslocamento se alteraria e, num *piscar de olhos*, o transporte chegaria no seu destino final. Para as pessoas dentro do ônibus, o tempo passaria mais devagar, quase como em câmera lenta, os outros objetos que não estão se movendo na mesma velocidade estariam estáticos, parados, presos em outro momento da temporalidade.

Harvey (2013, p. 12) sintetiza sua noção de espaço relativo pontuando que “[...] no caso do espaço relativo, é impossível separar espaço e tempo. Um evento ou uma coisa situada em um ponto no espaço não pode ser compreendido em referência apenas ao que existe somente naquele ponto”.

⁴ Conforme a Teoria da Relatividade Geral de Einstein, o espaço-tempo compõe uma unidade, uma espécie de tecido que permeia todo o universo. A massa dos corpos altera o tecido espaço temporal, curvando-o em todas as direções, assim como o tempo de deslocamento no espaço altera as percepções e noções sobre ele.

A terceira conceituação de espaço é relacional. Ele contém os significados, símbolos e sentimentos, em si, contém e representa as relações com outros objetos. Nas palavras do autor:

[...] faz sérias objeções à visão absoluta do espaço e tempo tão central às teorias de Newton. Sua principal objeção é teológica. Newton dava a entender que até mesmo Deus estava dentro do espaço e do tempo absolutos mais do que no comando da espaço-temporalidade. Por extensão, a visão relacional do espaço sustenta que não há tais coisas como espaço ou tempo fora dos processos que os definem (HARVEY, 2013. p.12).

Assim, Harvey conclui que o espaço é, ao mesmo tempo ou separadamente, as três formas, o que irá determinar uma ou outra ou a simultaneidade são as circunstâncias da realidade ou da ênfase de análise.

Nesse sentido, é importante destacar que a crise do capital em consonância com a nova lógica do capitalismo contemporâneo, com todas as suas contradições, atinge os indivíduos na sociedade em maior ou menor grau, modificando, assim, as noções de tempo e espaço. O ciclo do capital se altera, tornando-se mais acelerado, flexibilizado e mundializado.

O avanço dos meios de comunicação e dos meios de transporte, que são tendências do início da Modernidade, produzem a sensação de compressão do tempo e do espaço no globo, de tal modo que Harvey (2008) pontua a aniquilação do espaço por meio do tempo. Nas palavras do autor: “A aniquilação do espaço por meio do tempo modificou de modo radical o conjunto de mercadorias que entra na reprodução diária. Inúmeros sistemas locais de alimentação foram reorganizados por intermédio de sua incorporação à troca global de mercadorias” (HARVEY, 2008, p. 270).

Essa nova expressão social está vinculada à ideia de velocidade e simultaneidade como dados da vida cotidiana. A rapidez do ciclo de produção e consumo do capital, assim como o intenso fluxo de mercadorias e informação, faz com que as distâncias percam cada vez mais importância. A relação tempo espacial de igualdade se desequilibra e o tempo (de deslocamento, aquele que produza o simultâneo) passa a dominar. O espaço agora se configura como um mecanismo de deslocamento. Passamos a não estar no espaço, mas a se deslocar por ele.

Carlos (2007), discutindo sobre a concepção de aniquilação do espaço pelo tempo, pontua que, na realidade, o que ocorre é o oposto. A tendência é de aniquilação do tempo, que se torna cada vez mais fugido e acelerado. Assim, ela afirma:

Na realidade o que Harvey chama de compressão espaço tempo não faz mais do que apontar uma tendência de eliminação do tempo e não do espaço. O que se busca é a diminuição do tempo do percurso e não do espaço do percurso que continua sendo um dado inquestionável, os fluxos sejam eles materiais ou imateriais deslocam-se num espaço concreto a ser percorrido (CARLOS, 2007. p. 21).

Na argumentação de Carlos (2007, p. 21), o avanço dos meios de comunicação “tornou o espaço contínuo o que permite abolir o tempo”. Nesse sentido, o espaço ainda se mantém como um elemento factual da realidade, na qual são produzidas e reproduzidas as relações sociais, porém, dentro de um tempo simultâneo que articula o global e o local ao mesmo tempo.

O espaço não pode ser eliminado, nem pelo tempo, nem por qualquer outro elemento, uma vez que constitui a condição para a existência humana no mundo, o meio no qual há a interação social e o produto das relações sociais. É no espaço e por meio dele que a humanidade existe material e espiritualmente na sua diversidade simbólica.

Nessa contraposição de ideias, mesmo com visões diferentes, os dois autores contribuem para o debate destacando a importância do espaço como categoria central para se pensar a reprodução do capital, os espaços físicos e simbólicos são modificados com o rápido desenvolvimento das tecnologias que atuam sob o controle do modo de produção contemporâneo.

CONCLUSÃO

Com base nas análises realizadas neste artigo, concluímos que as categorias do tempo e do espaço sofreram profundas modificações no período moderno e nas últimas décadas na chamada pós-modernidade. Essas transformações seguem as mudanças na totalidade da sociedade. Para Harvey (2008), o espaço é aniquilado pelo tempo, uma vez que a noção de fluidez e rapidez da informação circula pelo globo. Para Carlos (2007), o oposto ocorre, visto que o espaço é eliminável da reprodução do sistema e o tempo é que se torna simultâneo entre o local e global.

De fato, à medida que o capitalismo provoca mudanças no interior do sistema de produção, transforma aspectos da sociedade, e essas mudanças são sentidas no nível cultural. A lógica cultural acelerada do capitalismo tardio concebe o espaço e o tempo como voláteis, flexíveis, globalizados e virtuais.

De todo modo, a compressão do espaço-tempo já estava presente no início da Modernidade com os processos de avanço tecnológico, ganhando novos contornos a partir das transformações societárias pós-crise estrutural de 1970. Nesse aspecto, abre-se o debate sobre o espaço e o tempo na medida em que se consubstancia em multiplicidades e simultaneidades.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**. Tradução de Guido Antônio de Almeida, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1985.
- BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2007.
- CARLOS, A. F. A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.
- CARLOS, A. F. A. **A condição espacial**. São Paulo: Contexto, 2011.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. 17. ed. São Paulo: Loyola, 2008.
- HARVEY, D. **O espaço como palavra-chave**. *GEOgraphia*, v. 14, n. 28, p. 8-39, 29 abr. 2013.
- JAMESON, F. **Pós-modernidade e sociedade de consumo**. *Novos Estudos CEBRAP*. v.1, n. 12 p.16-26, jun.1985.
- KANT, I. Resposta à Pergunta: 'O Que é Esclarecimento?'. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. In: **KANT, I. Textos Seletos**. (Org. Carneiro Leão, E.) Petrópolis: Vozes, 1974.
- LYOTARD, J. F. **A condição pós-moderna**. 12. ed. Tradução de Ricardo Corrêa Barbosa. São Paulo: Jose Olympio, 2009.
- MARINHO, C. M. **Pensamento pós-moderno e educação na crise estrutural do capital**. 2. ed. Fortaleza: EdUECE, 2015.
- SIMIONATTO, I. Expressões ideoculturais da crise capitalista na atualidade e sua influência teórico-prática. In: **Serviço social: direitos sociais e competências profissionais**. Brasília: CFESS/ABEPSS, 2009. p. 87-106.
- TONET, I. Modernidade, pós-modernidade e razão. **Temporalis**, Recife: ABEPSS, n.10, 2005.